

A TESOURA DE GUIMARÃES.

PERIODICO POLITICO, INSTRUCTIVO E NOTICIOSO.

Redactor principal José Ignacio d'Abreu Vieira.

<p>ASSIGNATURA.</p> <p>(Sem estampilha.)</p> <p>Por anno..... 2\$40</p> <p>« Semestre.... 1\$30</p> <p>« Trimestre.... \$720</p>	<p><i>Publica-se todas as terças, e sextas feiras de cada semana, não sendo dias sanctificados. Assigna-se, e vende-se no escriptorio da redacção rua Nova do Muro n.º 48. Preço de cada numero avulso 4) rs. No mesmo escriptorio se recebem os annuncios, que deverão ser pagos a 3) rs. por linha, repetição 2) rs. As correspondencias serão dirigidas ao redactor principal deste Periodico, que as receberá vindo francas do porte, e as publicará, querendo, vindo legalmte reconhecidas por tabellião desta comarca, mediante o preço de 3) rs. por linha. e não contendo materias em opposição ao nosso programma.</i></p>	<p>ASSIGNATURA.</p> <p>(Com estampilha)</p> <p>Por anno..... 2\$930</p> <p>« Semestre.... 1\$560</p> <p>« Trimestre.... \$850</p>
--	---	---

GUIMARÃES 4 DE SETEMBRO.

Um dos elementos, que mais concorrem para o engrandecimento d'um povo, é sem duvida a civilisação: é este elemento aquillo; que torna o homem respeitavel na sociedade, que o conduz á perfeição, e que faz, com qñe elle preencha os fins, para que foi creado.

O homem civilisado é sempre distincto pelos seus actos: nelle se manifesta a modestia; na pratica de suas acções se vê sempre a prudencia; e um maduro exame: o soborno nunca pôde abalar a sua rectidão, resoluta, nas adversidades resigna-se, e se vê o seu semelhante na afflicção, voa em seu auxilio, e anima-o; liberal, estende a sua mão ao desgraçado, e soccorre-o, o invalido e o desvalido acham nelle um protector: elle é tido como sabio e virtuoso, estimado e respeitado de todos, em fim é elle, pôde dizer-se, esse ente perfectissimo, que saíra das mãos do Eterno.

Aonde se encontra o homem digno de assumir os cargos da republica? — o homem que arrosta os perigos? — que seja fiel ao imperante? — que procure os melhoramentos d'uma nação, e bem estar dos povos? Encontra-se no homem civilisado.

Mas será a civilidade uma propriedade essencial do homem, um instincto? Oh! isso não l.... Para que o homem seja verdadeiramente civilisado, é necessario ter um pleno conhecimento dos seus deveres, isto é: a sciencia da moral e esta não é nata ao homem, mas adquire-se pela instrucção.

É sem dúbida o estudo da sã philosophia, o que mais concorre para o aperfeiçoamento do homem, e para a sua civilisação, porque elle arrancando o entendimento das trevas, o torna apto para o conhecimento das leis, que lhe devem regular suas acções livres.

Dizemos ser esta a virtude da philosophia, e parece-nos, que ningem no-lo contestará; mas quizeramos, que a infancia, ao passo que toma o leite dos peitos da mãe, principiasse a receber a instrucção; e como esta falta á maior parte d'estas, e bem assim a muitos homens, compete aos professores (que devem considerar-se como uns segundos paes) ensinar á infancia, ao passo que ella vai tomando conhecimento dos caracteres das letras, o caminho da virtude, infundindo-lhe o temor de Deus porque este é o principio da sabedoria, — *timor Domini, initium sapien-*

tiæ — ensinando-lhe e explicando-lhe as doutrinas e preceitos do Evangelho, desse codigo sublime, e o mais liberal que apparece entre os homens, porisso mesmo que elle mostra ser obra sómente d'um Deus, pois que julgamos, que a mocidade com estes principios, se torna apta para fazer maiores progressos na instrucção superior, e que caminha com mais segurança para o seu porto, qual é a civilisação.

Acreditamos, que a instrucção e a moral nos povos atesta mais a sua grandeza e adiantamento, do que as estradas macadamizadas, os caminhos de ferro, os telegraphos electricos, o alinhamento, e aformoseamento de praças e ruas, e outros progressos puramente materiaes; mas não negamos que estas cousas são uteis ao commercio e á agricultura.

PROTESTO.

A imprensa portugueza de Lisboa, representada pela maioria dos seus órgãos, tendo visto em algumas folhas periodicas de França e de Hespanha a imputação e arguição feita por aquellas folhas aos habitantes da capital, de graves actos de violencia e barbaria, que as suas noticias dizem commettidos nas pessoas das irmãs de caridade francezas e dos missionarios lazzaristas; forte da consciencia dos factos, do testemunho insuspeito das auctoridades administrativas e judiciaes, e das provas presencias da população, protesta unanime e solemnemente, contra aquella imputação e arguição, como destituidas de sérios fundamentos, e ao mesmo tempo contra quaesquer calumnias, que o interesse ou a paixão partidaria tenham feito surgir no paiz.

A estranheza que provoca no vulgo a novidade de trajés, que lhe não são conhecidos nem familiares, mormente quando se substituem a outros que tinham razão de venerar, são as mesmas em toda a parte, e não faltam para o attestar exemplos recentes nas mais cultas nações. D'essas tentou prevalecer-se uma obstinada malevolencia; d'essas tomou conhecimento minucioso e immediato a auctoridade administrativa; essas meemas para logo censurou e condemnou, nos mais severos e energicos termos, a própria imprensa opposta á introdução de irmãs, que, não conhecendo o paiz nem a lingua, lhe parecem menos aptas para o ensino e educa-

ção da infancia portugueza. Que mais se podia fazer no povo melhor policiado?

Esta imprensa está convencida de que os institutos de caridade, a serem precisos, podem ser restaurados em Portugal, ficando unica e totalmente subordinados aos prelados diocesanos, segundo o espirito da egreja e independentes de uma direcção estranha, em conformidade com as leis que actualmente vigoram no reino, e com as praticas já n'elle observadas.

A maioria da imprensa portugueza da capital aonde residem as irmãs da caridade francezas e os missionarios lazzaristas, apresenta á consideração da Europa a succinta exposição da verdade, em honra do bom nome portuguez injustamente maculado, em abono do crédito d'este povo generoso, precipitadamente julgado. E para melhor confirmar tal verdade, appella igualmente para o governo e para os seus agentes, para a vigilancia e para os depoimentos de trezentas mil almas.

A imprensa portugueza da capital do reino recorre pois francamente á boa fé e aos sentimentos de equidade dos seus collegas de Hespanha e de França, e espera que elles procedendo a um exame attento dos mesmos factos, tal como o pede tão ponderoso assumpto, rectifiquem os seus juizos, fundados de certo em informações ou menos exactas, ou filhas d'uma inspiração parcial.

Para a capital e para o paiz tal rectificação é desnecessaria, porque ninguem já ignora a realidade. Não assim para terras onde a opinião recebe sem correctivo impressões, que a podem transviar.

A imprensa portugueza da capital não combate os institutos de caridade na sua pureza. Expressamente o repete, para que se não continúe a inverter as suas intenções. Avalia e estima os serviços que esses institutos possam ter feito á humanidade, Deseja-os só em conformidade com as leis internas, que não estão abrogadas, e ninguem lhe negará o incontestavel direito de discutir e defender no seu paiz o que julgue mais conveniente ás instituições, á educação e á prosperidade d'elle.

Apoiado n'este direito, a imprensa portugueza da capital, representada pela sua maioria, deliberou lavrar este protesto, e envia-o a todas as redacções estrangeiras, onde informações exageradas tenham suscitado observações menos decorosas ao pundonor nacional, depositando toda a sua confiança na imparcialidade das meemas

redacções, a fim de que seja feita justiça aos seus concidadãos.

Lisboa, 23 de Setembro de 1858.

Revolução de Setembro. Futuro. Jornal Mercantil, A Opinião, O Portuguez, O Jornal do Commercio, Rei e Ordem.

Discurso do sr. D. Rodrigo de Menezes.

(Continuado dos n.^{os} antecedentes.)

Diz o art. 102.^o: « Os ministros de estado referendarão ou assignarão todos os actos do poder executivo, sem o que não poderão ter execução. »

Pergunto ao sr. ministro, se o poder moderador determinar, por qualquer caso, dissolver a camara, não estando o decreto da dissolução referendado por s. exc.^{as}, se algum de nós saímos d'aqui? Feliz paiz é Portugal. Republica! Nós não trocamos a nossa republica pela republica americana ingleza; nós, homens livres, que queremos que não haja acto nenhum que para do poder moderador, que não cumpra ao ministerio referenda-lo, não trocamos a nossa republica por nenhuma republica; o chefe da nossa republica é o rei, monarca illustrado, moralizado, e que nos dá em tudo os melhores exemplos. (Apoiados.) A' face do artigo 105.^o pôde alguém dizer que não cabe a responsabilidade aos ministros, quando esse artigo diz expressamente: « Não salva aos ministros da responsabilidade a ordem do rei vocal, ou por escripto. »? Se ha alguém que não queira isto, eu fujo d'esta terra, onde talvez esteja mais em perigo, muito mais do que muitos dos illustres deputados que me escutam, e eu sei porque o digo. Este mesmo discurso de hoje não era uma boa cama para me deitar, e por isso digo que a carta ha de ter sempre em mim um grande defensor, um grande defensor, sim, senhores. E' a salvaguarda da minha pessoa, que eu respeito muito; [Riso.] é a salvaguarda da minha propriedade que me é necessaria para viver, e mais que tudo a salvaguarda do bem estar do paiz, que é mais do que eu, e mais do que todos nós.

Sr. presidente, eu preciso corroborar a minha opinião, citando alguns nomes de publicistas estrangeiros, mesmo eu sempre tive repugnancia aos sabios estrangeiros, tomara eu haver-me com os portuguezes que me dão bastante que fazer; não preciso citar mais auctoridades, porque tenho a opinião dos srs. ministros, tambem porque ss. exc.^{as} não de confirmar e ratificar esta doutrina, porque ss. exc.^{as} são homens de lei; não sabem quando saírem d'aquellas cadeiras, se virá um governo que applique para com elles o mesmo principio. E' uma questão de interesse proprio. E eu peço perdão para dizer em honra do nobre ministro das obras publicas, o sr. Carlos Bento, a quem já tive uma vez occasião de fallar sobre este negocio, s. exc.^a apresentou-me as idéas liberaes, identicas áquellas que estou sustentando. Creio que n'isso não faço injuria. Peço perdão, mas não ha remedio senão dizê-lo.

Eu não quero entrar agora em grandes considerações a respeito da ingerencia das auctoridades nas eleições. Ss. exc.^{as} estão muito contentes porque obtiveram uma grande maioria no paiz inteiro. Pois alegrem-se os srs. ministros; mas eu vou fazer uma propheta que não hade agradar. Ss. exc.^{as} com a maioria da camara actual não estão melhor. Faço esta justiça á maioria da camara, aonde vejo homens tão leaes, de tão boa fé, e tão desejosos de ver triumphar os principios de justiça, que nem são, nem hão de ser jámais uma maioria cega. Estou intimamente convencido de que se uma medida for boa, qualquer d'esses cavalheiros a approva como antes, e se é má, ha de combatê-la ou rejeitá-la. [Apoiados.]

Então qual será a razão porque o governo está tão vaidoso, porque o paiz escolheu ou deixou de eleger aquelles cavalheiros que se julgavam com direito a ter um lugar n'esta casa. Isso não quer dizer nada, porque ha trinta annos que se trabalha em eleições n'esta terra e ainda não houve governo algum que perdesse as

eleições sonão um, e foi porque se deitou a dormir e a dormir perde-se muita coisa boa. Este mal é velho. Consulte-se o paiz, deixe se o paiz escolher livremente, e auctorise-se os empregados a usar da sua influencia, do seu nome e da sua posição para influir a favor d'este ou daquelle. Ha dous modos de empregar essa influencia ou a influencia para vencer uns ou para a fastiar outros. Antigamente empregava-se a força, agora não se emprega esse meio, é o geito. Faz-se mais. Diz-se: « Eu não quero intervir, mas apresentamos uma lista dos nomes d'onde deixamos escolher, só entre os nossos amigos, individuos que se quer que sejam eleitos »; e não ha remedio, bella escolha.

Ora os srs. ministros intervieram nas eleições, o sr. ministro negou. Foi quando eu contei a historia do regedor de S. Mamede que foi fallar ao governo, e a quem se prometteram grandes cousas, e que por fim recebeu 803000 reis para as obras da igreja, e a eleição venceu-se. Foi a demissão ao regedor de Santa Catharina. Foi a eleição de Aldeia Gallega. Foram outros muitos factos que não repetirei agora. Mas ss. exc.^{as} hão de permitir que eu diga que se a promessa do caminho de ferro de Aldeia Gallega era uma cousa justa e de lei, vendia-se a justiça, se se prometia uma cousa que não era justa e de lei, comprometteu-se a justiça, e comprou-se os votos. D'aqui ninguém me tira. E as bandeiras de Aldeia Gallega? Quer v. exc.^a saber qual o resultado de empregar as auctoridades somente para seus galopins eleitoraes? Eu o vou contar. Ha dous ou tres dias foi o regedor de S. José, acompanhado de quatro cabos de policia, esperar um litterato baixo, com bigode, e com demensões acanhadas, e chegando-se a elle com uma bengala na mão, em ar de ameaça disse-lhe: « Lêa este papel »; o litterato não viu mais nada, porque logo se seguiu uma grande bofetada; era um homem prudente, tomou posições á retaguarda, começou a gritar pela guarda, tirou testemunhas, e dizem que vai fazer não sei o que, que talvez fosse melhor que não fizesse nada. Será isto administração publica? E se o litterato tivesse tanta força nas mãos como tem na penna, tinha morto o regedor, e fazia bem. Se a auctoridade administrativa tem o atrevimento de vir embarçar quem passa, é porque nós não nos fazemos respeitar. Se o cidadão fizesse recuar a auctoridade administrativa até ao seu lugar, não tinha esse desaforo a auctoridade de ameaçar os cidadãos. Auctoridade e governo paternal de florete n' a mão! Mas tal é o estado da administração publica.

Ha tres ou quatro semanas, passei pela rua Nova dos Martyres, e junto á igreja de S. Francisco vi um tapume que tinha um grande buraco, que deixava ver umas ossadas humanas n'uma altura horrivel, que me fez recuar de horror.

Isto na rua e n'um sitio aonde entram cães e gatos, e tudo quanto ha. E é isto uma cidade policiada! A segurança publica está reduzida a deixar andar os touros estramalhados por essas ruas, e os regedores a espancar os cidadãos! E temos uma guarda municipal armada, dos pés até á cabeça, e sem ao menos ter dous capotes para se cobrir cada soldado, não estão confortaveis e gastando-se com ella duzentos e tantos contos.

Sr. presidente, vou tratar de outro objecto sobre que não posso deixar de tocar, e sobre qual quero que a camara decida, se commetti algum crime.

Sr. presidente, eu não sou regenerador, declaro-o á face de Deus e todo o mundo. Eu não sou de partido nenhum, porque não ha partido nenhum em que não ache muita coisa má. Sou do partido da carta, sou homem livre e mais nada; mas agora a dissolução atirada á camara! E o sr. ministro já disse que dissolveu a camara, não por uma maioria contra o governo mas por haver uma minoria facciosa, eu não fui minoria facciosa, declaro-o á face de Deus e dos homens. Pois o governo expressa-se assim a meu respeito e eu hei de ter confiança nelle? Que systema constitucional é este, onde o governo dissolve uma camara e quer declinar a responsabilidade d'esse acto? .. Dizia Chateaubriand, que quem tivesse muito amor ao governo absolutista fosse estar seis mezes na Turquia; ora venha aqui ouvir esta doutrina, e diga-me se

não emolata o fato e se põe a uma distancia respeitavel. Pois levanta-se um ministro da coroa e diz: « A opposição era facciosa ... »

O sr. ministro da fazenda: — Não disse ninguém ouviu tal.

O orador: — Eu não digo isto por offender a v. ex.^a

O sr. ministro da fazenda: — Leia as palavras que eu proferi.

O orador: — Pois se me permite, vou ler.

O sr. ministro da fazenda apoiado; gosto que o faça.

O orador — V. ex.^a disse que para dissolver uma camara não bastava uma maioria contra o governo, bastava que a minoria fosse facciosa.

O sr. ministro da fazenda: — Não disse tal.

Uma voz: — Bastava que a minoria não deixasse governar.

O orador: Ainda assim, aceito. Mas em que é que a opposição não deixou governar os srs. ministros. Empraso a ss. ex.^{as} para que o digam.

(Examinando o Diario do Governo.) Aqui diz-se que o não deixava marchar; e eu tinha tomado nota de que era facciosa.

O sr. ministro da fazenda: — E' como se tomam as notas.

O orador: — Mas eu ouvi esta expressão a alguém n'esta casa...

O sr. ministro da fazenda: — A mim, não.

O Orador: Pois aceito. Eu que é que não deixamos marchar o governo? Seria em não discutir os sete peccados mortaes, que elle mandou para a mesa? Queixe-se da maioria, queixe-se da commissão que teve lá os projectos e nunca os estudou; ou os estudou e os achou tao maus que os não quiz trazer á discussão; ou os não estudou e faltou assim á attenção devida aos srs. ministros. Vem o projecto para a salubridade de Lisboa, deixamos as pessoas competentes tratar d'elle, estavam tao aterrados que não dissemos nada: como embarçamos o governo? Só se commetteu esse crime um deputado da opposição, que fallou a favor do projecto, o sr. José Maria d'Abreu, que lastimo que não esteja aqui, porque era um ornamento da tribuna, (Apoiados.) Porque as opposições esclarecidas servem bem o governo e o paiz. Apoiado.]

(Continúa)

CORRESPONDENCIA.

Sr. redactor.

VERIFICOU-SE o vaticinio publico sobre a questão do muro na feira de S. Miguel, em Refojos de Basto; e a auctoridade superior do Districto colhe hoje os louros preparados pelo escandaloso patronato do sr. Jacome Borges, que o dedo da providencia destinou ao Districto de Braga, como instrumento destruidor de toda a ordem social.

Ahi estão assassinados e feridos talvez mais de 30 cidadãos innocentes; ahi está perpetrado o crime mais inaudito, de ferroz e sanguinario abuso de auctoridade!

Presenciamos o attentado horroroso, sabiamos das antecedencias que o deviam preparar, e ainda assim, não podiamos acreditar o que estavam presenciando!

Pois quem acreditaria, que para manter a ordem n'uma feira que reúne mais de 30 mil individuos, e para evitar o alagamento d'uma parede, contra a qual havia uma conspiração unanime, se nomeasse de proposito administrador do concelho o dono d'essa parede?

Quem acreditaria, que ao proprio comprometido n'uma questão rixosa de tantos annos, se confiasse essa auctoridade, e se lhe entregasse uma força militar, para em desaforo d'inveterados odios e paixões pessoases, elle mandar metralhar e fuzilar o povo inerme?

Quem acreditará, que mesmo depois de lhe entregarem 40 bayonetas, e á face d'ellas cahir a feira em peso sobre o muro, e arraza-lo pelos alicerces, se lhe mandassem mais 50 bayonetas com ordem de fuzilar todos os feirantes, que por ventura tivessem transposto, ou transpozesses as ruínas do muro? Quem acreditará, que contra o povo inerte, que evadisse um campo usurpado a uma feira publica (embora a lei o garantisse) se punia semelhante qualidade de crime com descargas de fuzilaria?

E quem acreditará finalmente, que ainda mesmo que a lei mandasse fuzilar o criminoso, que salta á propriedade alheia, sem forma de processo, e por mandato de seu dono, isto se ordenasse e executasse de um lado opposto a toda a feira, e de modo que as ballas e a metralha ferissem e matassem cidadãos em todas as direcções e longitudes?

Ah! maldição eterna e o mais severo castigo da lei, sobre a auctoridade superior do Districto, ou sobre o perfido patrono do crime que insinuou e atraçou o seu chefe!

Maldição e castigo exemplar da auctoridade secundaria, que foi a primeira a metralhar o povo de dentro do muro do seu proprio quintal, mettendo a confusão entre as bayonetas, para que estas se julgassem agredidas, e dispararam sobre os cidadãos inertes e pacificos!

Maldição sobre o governo que confia a sorte dos povos, a preversos e assassinos, e que deixa continuar no governo civil de Braga um secretario inepto e traiçoeiro, que repellido de todos os cavalheiros, traidor a todos os partidos desde o Tolde, se torna o patrono da escoria do Districto, collocando em todos ou quasi todos os concelhos, Administradores de rélé ou compromettidos com toda a opinião publica, e que em alguns, preparam, como em Cabeceiras, iguaes e peores scenas de sangue!

Que seria de todas as familias e cidadãos pacificos, que se achavam n'aquella feira, se a prudencia do commandante da força o sr. major Lacoeva, ao presenciar a fuzilaria, rompida pelos sicarios do administrador, ou dono do muro, não reunisse logo os soldados dispersos, e os fizesse collocar fóra da feira? Que scenas de sangue não occorreriam no meio de povo immenso horrorizado e indignado, se a força militar não fosse immediatamente d'alli retirada?

Por entre nós e nossa familia, na maior parte do sexo femenino, fuzilaram as ballas e a metralha dos assassinos; ao nosso lado, e tudo em distancia do muro, cahiram mortos e feridos; e os alaridos destes e de seus parentes feriram nossos ouvidos, até que fugimos espavorido do campo ensanguentado por ordem da auctoridade publica!

Aqui tem o districto, o fructo do mais escandaloso patronato, o concelho de Cabeceiras, o castigo da sua rebeldia eleitoral ás ordens do sr. Jacome; e o sr. Guerra Quaresma, o primeiro premio de se deixar insinuar pelo seu secretario, e mais caterva que o rodeia, e contra a qual infelizmente não tem força, para os repellir de si por uma vez, e reformar as auctoridades do Districto, todas suas protegidas e

impopulares, e que tão seriamente o compromettem.

Diriamos ao governo que acudisse ao Districto de Braga, se o governo não fosse o primeiro cúmplice nestes crimes; e assim aconselharíamos os povos, a que se preparem, para defender a vida contra as auctoridades, porque os successos não param aqui.

(505)

Um feirante pacifico

(Segue-se a assignatura, e reconhecimento.)

INTERIOR.

Expedição. — No domingo, pelas 9 horas da manhã, embarcou no Arsenal da Mariuha, e foi para bordo da mão *Vasco da Gama*, a 1.^a companhia do batalhão de caçadores n.º 3 da provincia d'Angola, que se organisou n'esta capital, e se destina á nova colonia da Huilla, aonde vae ter o seu quartel permanente.

A musica do corpo de marinheiros militares, acompanhou até ao Arsenal a força expedicionaria. É commandada por quatro officiaes, e compõe-se de 108 praças de pret.

Estas praças foram escolhidas nos corpos do exercito, e entre aquellas que dos mesmos corpos se offereceram voluntariamente, só foram admittidas as que, por sua boa conducta, podem dar garantia do seu procedimento na colonia.

Vão bem armadas e equipadas e o estado em que se apresentaram não se differença em cousa alguma do dos mais corpos do exercito.

Umias vinte mulheres uniformizadas como vivandeiras, seguiram a força. O traje nada tinha de elegante, mas ouvimos dizer que é o mais conveniente para a nova existencia que vão levar. Nos chapéos, que são de palha, trazem uma fita semelhante ás que usam os marinheiros da armada, com o leteiro — *Huilla*.

Mais de espaço teremos de fallar á cerca d'esta colonia, que é, sem dúvida, uma das que mais um deve offerecer prospero futuro.

Degredados. — Embarcaram hontem no Arsenal da Mariuha uns quatrocentos e tantos degredados, que vão para Africa occidental, a bordo da mão *Vasco da Gama*.

Foram escoltados até ao Arsenal por uma força de cavallaria e infantaria da guarda municipal, e inspeccionados previamente para se conhecer se estavam ou não nas circumstancias de poderem seguir viagem.

Entre os presos que embarcaram, foi o irmão, do celebre Philippe do Outeiro, condemnado a 9 annos de degredo, acompanhado por um seu filho menor, que contra vontade do pai insistiu em partilhar os seus soffrimentos.

Foram tambem os dous estudantes de Coimbra, que assassinaram o seu condiscipulo, convidando-o para uma caçada aonde traiçoeiramente o mataram, e um rapaz de 12 annos, accusado de haver assassinado pai, mãe, e uma irmã!

Pela primeira vez, o espectáculo doloroso que o embarque de degredados costumava apresentar, foi alternado pelo estado de acieo que os de hontem mostram, o que evidencia ir chegando até ás cadeas, o es-

pírito de caridade, que pôde sem prejuizo algum acompanhar a lei nas suas disposições penaes.

Os estudantes, tanto hontem, como quando vieram do Porto, procuraram occultar os rostos, encubriendo-os com as golas dos casacos e com os lenços.

Enfim entre os quatrocentos e tantos presos que vão expiar seus delictos em terra africana, embarcaram muitas das mais celebres notabilidades que o Limoeiro guardava.

(J. do Commercio)

Donativo imperial. — S. M. Imperial a augusta duqueza de Bragança, deu de esmola ás casas d'asylo da infancia desvalida, por alma de seu esposo, no dia 24 do corrente, anniversario da sua infausta morte, a quantia de 40\$000 rs.; e outra igual somma para beneficiação d'um dos mesmos asylos que necessitava de reparos.

Possam as orações de tantos innocentes, ha uma longa serie d'annos protegidos sempre pela virtuosa princeza, alcançar da Divina Omnipotencia o restabelecimento da sua melindrosa saude, e a prolongação de uma vida tão sanctamente occupada em obras de caridade e amor de Deus.

(Jornal Mercantil)

Fontes Pereira de Mello. — Nunca se viu em Portugal pronunciamento popular tão espontaneo e significativo como o que o Porto e o Minho acabam de fazer pelo pensamento economico d'este joven estadista.

Quando o nobre deputado entrava para o vapor «Lusitania», todos os navios surtos no Douro embandeiraram inesperadamente por um acto espontaneo, conservando-se com as suas galhardias até depois de ter saído o vapor em que seguia viagem o sr. Fontes.

A praça do Porto não podia dar complemento mais cabal á iniciativa da Associação Commercial que tinha enviado ao snr. Fontes a commissão de que já demos conta.

Esta expressão da praça do Porto devia imprimir na alma do illustre estadista uma satisfação mais plena do que aquella que teria recebido pelos convites a jantar da rainha d'Inglaterra e do imperador dos francezes.

(Oriente)

Esta noticia contam outros jornaes do Porto: e o Porto e a Carta accrescenta que o vapor inglez «Minho» embandeirara em arco.

Doce economico. — Tome-se a quantidade que se desejar de mosto de uva branca, ou preta, não importa de que qualidade.

Ponha-se em vasilha de barro, sobre o fogo muito brando.

Antes da fervura lance-se dentro toda e qualquer qualidade de fruta madura, ou mesmo não madura, v.g. pecegos, maçãs, peras, ameixas, marmellos, tudo depois de escaudado e cortado em quartos.

Quando o mosto tiver a consistencia conveniente tira-se para fora, e deixa-se esfriar. Trasfira-se para vasos de louça ou de vidro. Cubra-se com papel embebido de agoardente; querendo que a conserva fique mais perfeita, cobre-se o todo «á moda de botica» com um papel amarrado em volta, que se reveste d'uma capa de gomma-arabia dissolvida em agea quente.

Este processo simples e economico é geralmente adoptado em Allemanha, e é de grande proveito na economia rural e domestica.

Para ser mais saboroso o doce pôde juntar-se alguma especie v. g. cravo de girofão, que ajuda a sua conservação.

NOTICIAS ESTRANGEIRAS.

« Segundo escrevem de Vienna, cada dia que passa, se torna mais pronunciado o odio que aos austriacos votam quantos teem por patria as provincias veneto-lombardas. As manifestações de descontentamento repetem-se sem cessar na rainha do Adriatico, e, como é de supor, sempre vão seguidas de prisões, pauladas, destellos, e outras cousas semelhantes. Ultimamente representava-se no theatro principal daquella povoação a *Judit*, cujo papel de protagonista corria a cargo da celebre Ristori: a concorrência era immensa, e quando *Judit* exclama, dirigindo-se ao povo: « Ensinai meu nome a vossos filhos, e dizei-lhes que a guerra que um povo faz aos que intentam arrebatá-lo o paiz que Deus lhe deu por patria, é uma guerra santa » — resoaram de todos os lados da sala as mais freneticas aclamações, misturando-se com ellas gritos de — *Morrão os austriacos! — Viva a liberdade!* — A policia encheu as prisões com parte dos espectadores: a propria Ristori esteve a ponto de ir fazer-lhes companhia, e a *Judit* foi prohibida. »

As noticias de Nova York são de 11: Houve um terrivel desastre no caminho de ferro de Indiana.

M. Bowling aceitou a missão para o Pagaguay:

Nada de novo sobre o lazareto. A vanguarda das tropas do governo foi bem acolhida pelos amotinados.

O «Morning-Chronicle» aconselha organizar uma agitação para forçar lord Derby apresentar um projecto formal de reforma.

Vienna 25. — A policia prohibiu aos periodicos toda a discussão relativa ás deliberações da Dieta federal.

O imperador amnistiou quize refugiados politicos.

A conspiração descoberta em Napoles tinha ramificações até Malta. Descobriu-se, porque sobre um cadaver achado na praia, se encontraram papeis, que comproviavam os conjurados.

Pariz 27. — O principe Napoleão marchou hontem para Varsovia.

Londres 27. — O principe Manteuffel sahio hontem de Berlin em Direcção a Varsovia, levando assignado o decreto real em que se resolve a questão da regencia da Prussia.

Diz a «Presse» de Pariz:

A guarnição franceza de Roma causou ao governo romano certas preocupações que fizeram suppor a varios orgãos da imprensa franceza e estrangeira que o Papa negociava para obter a retirada do exercito d'occupação.

Ignoramos o que pôde haver de fundado n'esses boatos vagos.

É certo ao menos que o gabinete das Tuilherias não está disposto a adherir n'este ponto aos desejos do Papa; e o correspondente da «Independencia belga» affir-

ma que a guarnição franceza de Roma vai ser reforçada immediatamente.

(Commercio do Porto)

LOCAES.

Bem o dissemos nós! — Que as partes officiaes nem sempre eram as mais exactas, O *Bracarense*, fazendo um extracto (diz elle) das partes officiaes sobre as occorrencias na feira de Basto, conta os factos de tal forma, que tornam veridico o nosso dito, se elle o não era ainda. Nem queremos criticar os signatarios dos officios, nem quem delles fez o extracto. *Lá se avenham.*

Allivio, e carregume. — Por deliberação da ill.^{ma} camara, approvada em conselho de Districto, foram alliviados da imposição municipal os carros de chapa larga, e sobre carregados os de chapa estreita, elevando-se-lhes a imposição a 40 rs.

Como foi bello. — Presenciamos a recepção dos entrevados no novo hospital da V. O. T. Franciscana, ontem inaugurado. Os irmãos da V. O. vieram na cadeirinha da casa. A Meza recebia á porta cada um delles, repicando os sinos, e o acompanhava ao leito entre um numero concurso de espectadores. Observamos tambem a distribuição do jantar, e por esta occasião vimos o regulamento pertencente ao passadio, que promettemos publicar logo que tenhamos mais espaço. — O ill.^{mo} snr. Francisco José Gonçalves d'Oliveira, Pae da Ordem, e octogenario, foi presente a todos os actos festivos do dia, e tratado por todos os irmãos da V. O, como se fosse seu pae natural. A virtude em toda a parte acha um altar.

Um valentão. — Em S. Mamede de Vermil anda grávida uma rapariga, com fama antiga de astuciosa, o regedor da parochia mandou intimá-la por um cabo de policia para dar conta da creança logo que alliviada fosse; mas esta intimação foi feita na presença d'um moço, que não admite intimações ao Domingo, nem gosta de que se dê contas; e porisso o cabo de policia cahio logo debaixo das mãos do valentão. Ao tumulto que se seguiu acudiram outros cabos, que prenderam o sr. Pedro, levando-o para casa do regedor, devendo a estas horas estar nas cadéas desta cidade. Como não é casado, e gosta só de fingir que o é, que bom seria, se estivesse na idade de ir para a companhia dos valentes.

Está perto. — O nosso eximio deputado exc.^{mo} snr. D. Rodrigo de Menezes está na sua casa de Cavalleiros, segundo affirma o *Nacional*.

Cercaes. — No mercado de sabbado passado regularam pelos preços seguintes:

Trigo (alqueire).....	1\$000	reis.
Centeio.....	460	«
Milho grosso branco.....	500	«
Dito amarello.....	480	«
Dito miudo (ou alvaro).....	790	«
Feijão amarello.....	900	«
Dito branco.....	960	«
Dito vermelho.....	960	«
Dito rajado.....	800	«
Dito fradinho.....	600	«
Painso.....	600	«
Batatas.....	240	«
Azeite (Almude).....	4\$700	«
Vellas (arroba).....	2\$800	«

ANNUNCIOS.

A camara Municipal deste Concelho etc.

Annuncia que no dia quarta-feira 13 do futuro mez de Outubro, no Paço deste Concelho, pelas 9 horas da manhã, se tem d'arrematar a quem por menos o fizer a composição da ponte de Servas na freguezia de Gondar, na parte pertencente a este concelho. As condições estão patentes na secretaria.

Guimarães 29 de Setembro de 1858.

O presidente

(501)

Visconde de Pindella.

QUEM achasse uma capa d'oleado na madrugada do dia 23 do mez passado desde o largo de S. Bento até o Tournal, e a queira entregar a seu dono, falle com Antonio Joaquim Pinheiro de Miranda, que lhe dará signaes certos, e boas alviçaras. (502)

POR ordem do exc.^{mo} presidente da Direcção da Assembleia Vimaranesense convindo deste modo todos os Socios para se reunirem na casa da mesma assemblea quarta feira 7 do corrente, a fim de se proceder á eleição da commissão que hade fazer os estatutos.

O 1.^o secretario

(503) Francisco Ribeiro Martins da Costa.

VENDE-SE, para pagamento de dividas, duas moradas de casas, n.^{os} 4, e 5, sitas na rua Nova das Oliveiras desta cidade, com quintal, agoa de pôço, e pertencas, com sahidas para o lado do sul; quem as pertender falle na do n.^o 5. (504)

O Conselheiro Feliz Pereira de Magalhães, agradece por este meio a todas as Pessoas que lhe fizeram a honra de o cumprimentar, já que circumstancias extraordinarias o obrigaram a sahir repentinamente para Braga, e d'esta cidade para a do Porto, sem poder voltar á de Guimarães como tencionava. (500)

No Juizo de Direito d'esta Comarca, e pelo cartorio do escrivão Mascarenhas, a requerimento de Christovão Gonçalo Ferreira dos Santos abbade da freguezia de Santa Eufemia de Prazins, correm editos de 30 dias a chamar a toda e qualquer pessoa, que se julgue com direito á propriedade do Assento, ou Deveza de Maio, sita na freguezia de S. Torquato, comprada pelo anunciante a Joaquim de Souza da mesma freguezia, ou ao seu preço em deposito. Quem se julgue com algum direito, queira deduzil-o no referido prazo de 30 dias a contar do dia 27 do corrente, pena de lançamento. (485)

AGRADECIMENTO.

Francisco d'Azevedo Varella, não podendo pessoalmente agradecer aos seus numerosos amigos, e exc.^{mas} snr.^{as} que lhe fizeram a honra de o cumprimentar durante o seu encommodo, o faz desta maneira do que pede desculpa, confessando-se eternamente grato a tanta delicadeza.

GUIMARÃES.

Typ. Vimaranesense da Tesoura, rua Nova do Muro n.^o 48.